

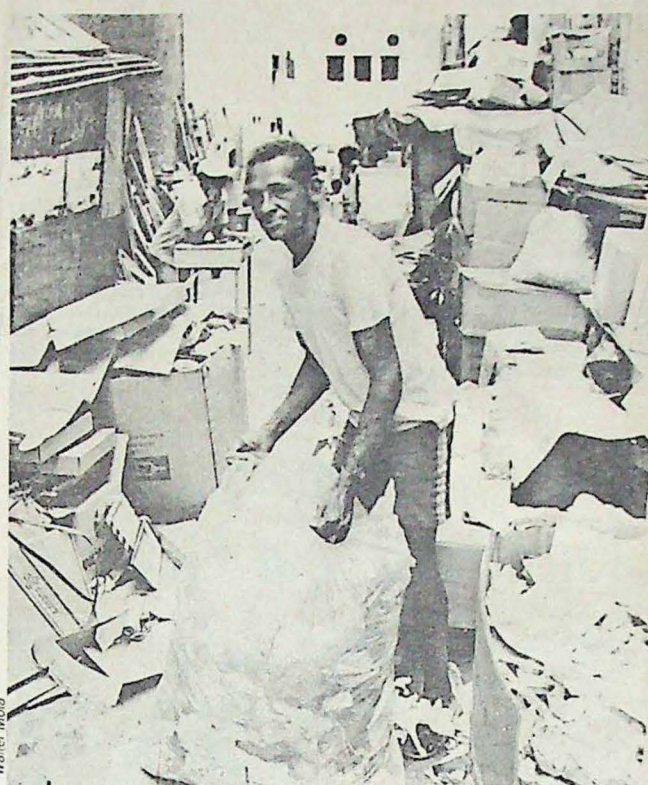
FIM CPM C.R.	
EIBLIOTEC	
Jornal	Tribuna de Pádua
Data	30.03.93
Caderno	2º
Seção	
Assunto	Habitacao

Famílias sem-teto loteiam as ruas

Ampliação da miséria gera um curioso mercado imobiliário, onde viadutos, praças e becos são divididos entre quem não tem onde morar



Maria, com a neta: famílias de rua entram na 3ª geração



Procópio: "Com fé em Deus, um dia deixo esta vida"

ANA CÉLIA GUEDES
Editoria do 2.º Caderno

"Onde Moras?" tema da campanha da Fraternidade-93, é uma pergunta sem resposta para 632 mil baianos. Eles se refugiam improvisadamente em barracos de papelão montados embaixo de viadutos e marquises. Existem famílias, como a Lopes Vieira, que praticamente se estruturaram nas ruas do Comércio. Os cinco filhos da badameira Josefa Lopes Vieira, 60, vivem nas ruas e uma terceira geração vem surgindo com os netos conhecidos como Neném e Uidinho.

Para o sociólogo Gey Espinheira, o fechamento do mercado imobiliário, o desemprego e a falta de uma política social tem causado o crescimento da família nas ruas. Em Salvador, existem 300 adultos nas ruas e um milhão de pessoas vivendo em áreas faveladas, estima Gey. Elas chegam a formar verdadeiros condomínios fechados no Beco Maria Paz, viaduto da Fonte Nova e no Comércio.

Morar nas ruas de Salvador virou uma estratégia de sobrevivência muito difundida entre as famílias carentes. Há uma década residindo no beco Cruz Machado, a badameira Maria Teresa dos Santos, 43, vive do papel recolhido diariamente pelas ruas do Comércio. Dividindo o pequeno barraco de madeira com os dois filhos e a neta Simone, 1 ano e seis meses, que nasceu nas ruas, a badameira reconhece o espírito de solidariedade entre as cinco famílias da Cruz Machado. Elas trocam alimentação e peças de vestuário.

Apesar das dificuldades, as famílias de rua não perdem a esperança de melhorar de vida. "Com fé em Deus vou conseguir uma casinha", destaca o mineiro Francisco Procópio, 36. Depois de trabalhar como borracheiro e vigilante, Francisco vive apenas da venda de cafezinho e da coleta de cobre. Com a esposa Nair Dias de Jesus, grávida de quatro meses, ele sonha: "Um dia saio dessa. Trabalho, luto e tenho que ganhar. Essa não é uma vida boa".

"Na rua só preciso apenas de papelote e num quarto corro o risco de perder tudo que juntei nestes quatro anos de rua", destaca Francisco Carlos dos Santos, 47, que não pensa em sair da Cruz Machado. Ele entrou nessa vida depois que saiu de Monte Azul, hoje, apesar de continuar morando sozinho, não se arrepende. "Na Cruz Machado tenho amigos e fico triste em saber que terei de sair daqui, quando começarem a reforma do Elevador do Taboão", explica.

Mapa da miséria

TEORIA

Em Salvador, existem 53 favelas onde moram 19 mil famílias. Após concluir o estudo sociológico de urbanização periférica de Salvador, o sociólogo Gey Espinheira garante que "a invasão é o único recurso útil que os pobres tiveram na cidade. Ele estima que exista um déficit de 200 mil unidades. A qualidade de moradia também é precária. Nas áreas faveladas, as habitações medem entre 10 a 20 metros quadrados.



Essa redução de espaço físico e a presença de famílias numerosas, segundo Gey Espinheira contribui para o aumento da violência pessoal. É comum entre os favelados o medo de dormir, que pode levar ao incesto ou atos violentos. O sociólogo afirma que a habitação não é apenas um abrigo, mas um santuário. "Ter ou não um lar interfere na personalidade do indivíduo. O ato de morar ou de ter um espaço para dormir é mais salutar do que a alimentação", ressalta.

Depois de fazer várias pesquisas entre os moradores de rua, Gey Espinheira explica que já existe uma cultura de rua. "As pessoas que moram nas marquises, viadutos e pontes não passam fome e encontram segurança. Elas vivem em grupos e criam uma rede de solidariedade", salienta o sociólogo.

"A rua de Salvador é generosa. Donos de restaurantes, bares, grupos religiosos distribuem refeições entre os moradores. O que determina em Salvador a permanência das famílias durante anos na rua. Em São Paulo, essa é uma situação passageira.

PRÁTICA

Vontade e esforço eu tenho para sair desta vida", diz o lavador de carro Ramirez Santos Bonfim, 31, que há oito meses mora no viaduto da Fonte Nova com a filha Luzia de Jesus Bonfim, 5. Ele só pensa em alugar um quarto e na promessa feita por assistentes sociais da prefeitura sobre um lote em Periperi. Segundo ele, só falta o material de construção.

Ramirez acredita que Deus vai ajudar a comprar um carrinho de mão. Atualmente vendendo jornal, recolhendo sucata ou lavando carros na Fonte Nova, ele consegue dinheiro para comprar co-

mida. O lavador foi um dos primeiros moradores do viaduto, mas Ramirez nem gosta de lembrar que teve de trocar de vida, após a morte da sua esposa. "Os gastos com funeral me deixaram na miséria".

Na rua, só aprendeu a ter desgosto. No primeiro dia, perdeu todos os documentos. Ramirez se queixa da polícia. "Eles acham que somente porque a gente não tem casa, leva uma vida marginal". Os malucos também o incomodam. Na semana passada, um "doido" ameaçou queimar seu pequeno barraco de papelão.

Abrijo em viaduto. Foi a única solução encontrada pela doméstica Elisandra Campo Silva, 18, e seus filhos Debora, 1, e Evandro Junior, 2, depois que o barraco na antiga Rodoviária caiu. Com o marido desempregado e sem poder contar com ajuda da família, ela ocupa um barraco de papelão perto da Fonte Nova. Os clientes para faxina desapareceram. Elisandra conta agora com ajuda dos adeptos da Igreja Batista da Caixa D'Água.

Em troca de alimentação, Elisandra e mais as cinco famílias que moram no viaduto da Fonte Nova são obrigados a dar Cr\$ 317 mil por semana a Igreja Batista. Elisandra diz



que o dinheiro faz falta, mas o dinheiro ainda outros necessitados da cidade. O barraco que tem menos de 20 metros quadrados, a doméstica mantém impecavelmente limpo.